

RESENHA*

POLO, F. P.; RODRÍGUEZ, J. R.; SIMÓN, F. M. (eds.).
Xenofobia y racismo en el Mundo Antiguo. Barcelona:
Universitat de Barcelona Edicions, 2019. 266 p.

VISITANDO UM TEMA RARO (E ESPINHOSO)

*Renata Cardoso de Sousa***

Os três professores que organizaram *Xenofobia y racismo en el mundo antiguo* têm muito em comum: lecionam na Universidade de Zaragoza, na Espanha; são professores de História Antiga ; e têm, em suas linhas de pesquisa, interesse pelo mundo romano. Além disso, eles contribuem ativamente com outras universidades, como Oxford e Cambridge, tendo publicado diversos livros em suas áreas de pesquisa, que giram em torno de religião, economia e cultura.

O livro é derivado das apresentações no IX Coloquio de Historia Antigua Universidad de Zaragoza, ocorrido entre 14 e 15 de setembro de 2017. Contém uma coletânea de artigos de autores especialistas em várias áreas do Mundo Antigo, os quais procuram fazer uma reflexão sobre o uso dos conceitos de *xenofobia* e *racismo* na Antiguidade. Como os próprios organizadores descrevem (p. 9), a intenção, ao publicar esse conjunto de contribuições, é pensar acerca de um tema «inovador no horizonte de investigação».

Os autores, de maneira geral, entendem que esses termos não existiam na Antiguidade; no entanto, isso não significa que não havia práticas xenófobas

* Recebido em: 05/10/2019 e aceito em: 28/11/2019.

** Doutora em História Comparada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ). É membro do Laboratório de História Antiga (Lhia-UFRJ).

e racistas no mundo greco-romano (foco da publicação). O mesmo ocorre com conceitos como os de alteridade ou etnicidade: não é porque gregos e romanos não tivessem termos para designar essas práticas que não existissem conflitos entre eles e os bárbaros, ou definição de fronteiras étnicas entre eles e outros grupos étnicos, ou até mesmo a definição de grupos sociais menos favorecidos, o que resultava num esforço de caracterização da alteridade social dentro mesmo dessas comunidades.

A obra procura seguir uma cronologia, começando com um capítulo sobre as Guerras Greco-Pérsicas e a relação com a criação da imagem do bárbaro (*La invención de la alteridad: griegos y persas*, de Manel García Sanchez) e terminando com um sobre o interminável debate acerca da cor da pele de Cleópatra e de suas representações no mundo contemporâneo (*Black Cleopatra: Discursos sobre raza y racismo en el mundo contemporáneo*, de Cristina Rosillo López).

Embora discordemos de algumas abordagens (como a própria ideia do surgimento da representação da alteridade no mundo grego com os embates entre eles e os persas abordada no primeiro capítulo), essa publicação se faz importantíssima no cenário atual da historiografia antiga. O tema não poderia ser mais contemporâneo, visto que o problema da xenofobia e do racismo é recorrente em diversos países do mundo, ainda mais com a grave crise de refugiados pela qual passamos. Atual sobretudo no Brasil, onde venezuelanos têm seus pertences queimados, refugiados provindos do Oriente Médio são hostilizados no meio da rua, e negros ainda são vistos como seres inferiores, dignos apenas de trabalhos subalternos, discriminados em lojas, preteridos em entrevistas de emprego.

Além disso, carecemos de publicações sobre esses temas na História Antiga. Pensá-los nesse contexto é crucial para que possamos aprender a lidar com tais conceitos na contemporaneidade. Essas relações são construídas por um discurso dominante, não são naturais: não nascemos racistas e xenófobos, nós nos tornamos. É em torno dessa ideia que giram os vários capítulos desse livro. De linguagem clara e acessível, embora em outro idioma, definitivamente essa nova obra já é uma referência indelével em nossa área.